

## MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: CONFLITO DE GERAÇÕES NA POÉTICA DE JOSÉ PAULO PAES

Fernando Oliveira Santana Júnior\*

**RESUMO:** *Este trabalho tem por objetivo analisar o conflito de gerações em algumas narrativas poéticas de Prosas seguidas de odes mínimas, de José Paulo Paes, obra publicada em 1992, considerando, também, a passagem conflituosa do moderno para o pós-moderno. Como embasamento teórico da nossa análise, fundamentamo-nos em Zygmunt Bauman (1998; 2004) e Jean-Pierre Lebrun (In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008), autores que fazem uma arguta anatomia da condição humana (pós) moderna.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Modernidade; pós-modernidade; narrativas poéticas; José Paulo Paes.*

**ABSTRACT:** *This paper aims to analysis the conflict between generations in some poetic narratives of José Paulo Paes, specifically in his work Prosas seguidas de odes mínimas, published in 1992, in regarding to the dialectical passage from the modernity to the post-modernity, too. Our analysis will be based in the theoretical reflections of Zygmunt Bauman (1998; 2004) and Jean-Pierre Lebrun (In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008), thinkers that make a keen anatomy of the (post) modern human condition.*

**KEY WORDS:** *Modernity; post-modernity; poetic narratives; José Paulo Paes.*

**RESUMEN:** *Este artículo aborda lo conflicto entre generaciones en algunas narraciones poéticas de José Paulo Paes, de la obra Prosas seguidas de odes mínimas, de 1992, también considerando la transición dialéctica de la modernidad para la pos-modernidad. Esta investigación será hecha baseandose en las reflexiones teóricas de Zygmunt Bauman (1998; 2004) y Jean-Pierre Lebrun (In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008), pensadores que hacen una anatomía perspicaz de la condición humana pos-moderna.*

**PALABRAS-LLAVE:** *Modernidad; pos-modernidad; narraciones poéticas; José Paulo Paes.*

### INTRODUÇÃO

José Paulo Paes veio ao mundo na cidade de Taquaritinga, situada no interior do Estado de São Paulo, em 22 de junho de 1926. Faleceu na capital paulista em 09 de outubro de 1998. Procedendo de família de classe média baixa, José Paulo Paes foi filho de pai lusitano e mãe brasileira. O autor de *Prosas seguidas de odes mínimas* cursou o primário e o ginásio no interior de São Paulo, vindo a transferir-se, posteriormente, para a cidade de Curitiba, em 1944, onde fez curso técnico em

---

\* Mestrando em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL – UFPE).

Química Industrial, no Instituto de Química do Paraná. Em Curitiba, José Paulo Paes colaborou com a revista *Joaquim*, do escritor Dalton Trevisan, na qual seus primeiros poemas foram publicados. Ademais, na capital paranaense, através do artista plástico Carlos Scliar, "Paes teve publicado seu livro de estréia, *O aluno* (1947), obra que rendeu uma resposta de suma relevância: uma carta de Carlos Drummond de Andrade feita de conselhos e restrições feitas ao poeta estreante" (MELO, 2006, p. 11).

Em 1949, José Paulo Paes transfere-se para a capital paulista, onde "trabalhou onze anos numa indústria farmacêutica, a Squibb, e quase vinte anos na editora Cultrix, quando se aposentou e passou a dedicar-se integralmente a escrever" (NAVES, In: PAES, 2008, p. 18). Posteriormente, ele se casa com uma notável bailarina, Dora Costa, em 1952, com quem passaria o resto de sua vida. Nesse mesmo ano, publica *Cúmplices*, no qual dedica poemas a sua esposa. Essa obra foi ilustrada por Nenê, filho de Oswald de Andrade, de modo que através de Nenê, José Paulo Paes estabeleceu contato com o poeta modernista (Cf. MELO, 2006, p. 11).

O contato com Oswald de Andrade gerou uma profícua influência sobre a poética paesiana, obviamente redundando em um estilo próprio. Conforme o crítico Davi Arrigucci, através do contato com os "poemas-pílulas", ou "poemas-piada", de Oswald de Andrade, José Paulo Paes aprendeu "a arte de condensar o muito no mínimo" (apud MELO, 2006, p. 16). Com isso, o autor de *Prosas seguidas de odes mínimas* usa a palavra sob a estética do mínimo, do conciso, do fragmento, com ironia, paródia. Um exemplo de "poema-pílula", de José Paulo Paes, é *O vaguido da sociedade de consumo*, do livro *Meia palavra: cívicas, eróticas, metafísicas*, publicado em 1973: "consummatum est" (PAES, 2006, p. 195). Nesse poemeto, a afirmação de Cristo, do momento da morte na cruz, sofre um deslocamento semântico. Esse deslocamento é visto quando se compara a locução adjetiva "de consumo", do título, com o verbo *consummatum* em latim. Sugere-se nesse poema que o mundo (pós) moderno, especialmente o mundo do consumo, tem uma religião própria: o consumismo. Desse modo, o dinheiro e a riqueza soberbos do consumismo são – para tal *mundus* – mais importantes que o cristianismo, que ensina sobre a riqueza espiritual do sacrifício vicário de Jesus. Já no poema *Neopaulística*, do livro *Resíduo*, publicado em 1980, José Paulo ironiza a condição poluente do rio Tietê. Nesse poema, há uma desconstrução do passado glorioso do rio como passagem dos célebres bandeirantes para um presente em que não há mais bandeirantes viajantes, mas bandeiras sujas de dejetos dos "filhos fabris", os descendentes que "fabricam" tais bandeiras: "pelo mesmo tietê / onde outrora viajavam / bandeirantes heris // só viajam agora / os dejetos: bandeira de seus filhos fabris" (PAES, 2006, p. 239).

Em se tratando da estética paesiana, há outra influência determinante na poética de José Paulo Paes: a poesia grega dos epigramas. Consoante Madileide Duarte, os

epigramas gregos são o *leitmotiv* da poética do mínimo de José Paulo Paes, “motivo de sua concisão” (apud MELO, 2006, p. 14). Os epigramas, a propósito, geralmente são poemas curtos, que se mostram, entre outros aspectos, ora com caráter satírico, crítico, ora mordaz e picante. Nesse contexto, é oportuno ressaltar que José Paulo Paes demonstrava pendor para os epigramas greco-latinos: algo provado pela obra *Poesia erótica em tradução*, publicada em 1990. Nessa obra – com edição bilíngüe – Paes põe uma coletânea de epigramas<sup>1</sup>. Por exemplo, o epigrama 128, do livro V, da antologia grega estudada por Paes, vê-se este de Marco Argentário: “teta contra teta, apoiando meu peito sobre o dela, / uni meus lábios aos doces lábios de Antígona / e a carne possui a carne. De resto nada digo: / dele somente a lâmpada foi testemunha” (In: PAES, 2006, p. 35). Como se vê, a temática desse epigrama é erótica, gravitando em torno da fusão amorosa e carnal dos que se amam, sem aprofundamento de detalhes, aspecto próprio à poética epigramática, deixando-o para a imaginação do leitor. Um exemplo na poética de Paes pode ser visto no último poema de *Cúmplices*, dedicado à esposa Dora, justamente intitulado *Epigrama*: “Entre sonho e lucidez, as incertezas. / Entre delírio e dever, as tempestades. / Ai para sempre serei teu prisioneiro, / Neste patíbulo amargo de saudades...” (PAES, 2008, p. 66). Já a temática erótica é vista, por exemplo, neste epigrama epitalâmico, justamente intitulado *Epitalâmio*, do livro *Anatomias*, de 1967, com imagens metafóricas predominantes dos órgãos sexuais masculino e feminino, atingindo o ápice do orgasmo: “uva / pensa da / concha oclusa / entre coxas abruptas // teu / vinho sabe / à tinta espessa / de polvos noturnos // (falo / da noite / primeva das águas / do amor da morte)” (PAES, 2008, p. 166). Diante do exposto, José Paulo Paes, além de poeta, foi tradutor<sup>2</sup>, de modo que, com talento individual, soube transpor para a sua poética as influências recebidas de uma cadeia de tradição poética, desde os epigramas gregos até os poemas modernos do século XX. Nesta introdução pudemos apenas exemplificar com a questão da influência dos poemas-pílulas oswaldianos e dos epigramas gregos.

José Paulo Paes cabe na conceituação poundiana de que o poeta é a antena da raça, e da raça do seu tempo, que persiste no tempo contemporâneo. A antena da poética paesiana fincou-se nas questões problemáticas da (pós) modernidade. De

---

<sup>1</sup> A antologia grega consultada e estudada por José Paulo Paes, também conhecida como *Antologia palatina*, foi descoberta na Biblioteca Palatina de Heidelberg, ao final do século XV. Essa antologia, como atesta José Paulo Paes, “contém mais de 6 mil epigramas de 330 autores, abrangendo um período de mais de dezessete séculos” (2006, p. 176). Ela foi organizada por um erudito bizantino, que viveu no século X, chamado Constantino Cefalas, “valendo-se de outras antologias anteriores que não chegaram até nós” (PAES, 2006, p. 176). Ainda conforme Paes, “os breves poemas que a compõem versam uma grande variedade de assuntos: epítáfios, dedicatórias, reflexões sobre a vida, a morte e a fortuna, poemas de amor e sobre a natureza, sátiras etc” (2006, p. 176).

<sup>2</sup> Nesse tocante, é oportuno dizer que segundo Rodrigo Naves, para José Paulo Paes, “a tradução era talvez o modo mais nobre de expressar seu fascínio por alguns autores” (In: PAES, 2008, p. 22).

fato, as antenas de Paes estavam sintonizadas com o seu tempo quando defendeu a tese de que Frankenstein fosse, talvez, o único mito moderno que “sintetizava inauguravelmente o medo do homem moderno diante da revolução tecnológica e das possíveis monstruosidades que ela poderia criar” (NOVAIS, In; PAES, 2008, p. 28). Medo da modernidade? Sim, mas também medo de uma radicalização dessa modernidade, conhecida sob os epítetos de “pós-modernidade” e “modernidade tardia”. Tal radicalização abusiva – num percurso que implode na modernidade iluminista, atravessando as revoluções científico-tecnológicas do século XIX – se instaura como um movimento velozmente avassalador. Esse movimento é um híbrido de resquícios modernos com a emancipação totalizante que a modernidade tardia propõe, só que de maneira volúvel, mostrando um humano sem raízes, sem tradição, que “esquia” sobre um gelo que se liquefaz. Percebendo poeticamente esse humano moderno tardio, o eu lírico deste poema, segundo a nossa leitura, vê como entediante essa liberdade volúvel da modernidade tardia: “– Deus está morto, tudo é permitido! / – Mas que chatice!” (PAES, 2008, p. 466). Esse poema, intitulado *Os filhos de Nietzsche*, da obra póstuma *Socráticas*, de 2001, é uma amostra arguta de uma anatomia de um humano que faz tudo, achando-se “totalmente livre”, mas que pode – em qualquer momento – se deparar com o tédio do vazio nesse tudo. A propósito, vale lembrar que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer mesmo já ensinava que o tédio caracteriza os que têm tudo, denotando que, ainda que haja mais liberdade, mais gozo, o tédio – ainda assim – é inevitável.

Neste trabalho analisaremos algumas narrativas poéticas de José Paulo Paes, detendo-nos especialmente em *Prosas seguidas de odes mínimas*, publicada em 1992, tendo por fundamentação teórica Zygmunt Bauman e Jean-Pierre Lebrun. Esses autores se revelam como anatomistas dos tempos (pós) modernos. Neles converge a tese de que a proscricção da ordem e da segurança, prometidas pela geração moderna, é, na e pela geração moderna tardia, substituída por uma intensa vontade de mais liberdade e felicidade, com menos segurança e ordem, o mal-estar da civilização freudiana (Cf. BAUMAN, 1998, p. 09-10). Ou um radical aproveitamento insubmisso à perda de gozo, às proibições, usufruindo do objeto de consumo (Cf. LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 148-149).

## **1 CONFLITO ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO DE ZYGMUNT BAUMAN E DE JEAN-PIERRE LEBRUN**

Na introdução de uma de suas grandes obras, *O mal-estar da pós-modernidade*, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman faz uma releitura de uma das grandes obras de Freud: *O mal-estar na civilização*. Como adendo de esclarecimento, nessa obra

freudiana, o termo “civilização”, conforme Bauman, deve ser lido como “modernidade” (Cf. 1998, p. 07-08).

A modernidade é vista, entre outros aspectos, como “ordem”. Em termos freudianos, ordem é “uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação ou indecisão” (apud BAUMAN, 1998, p. 08). Mas mesmo para a obtenção da ordem, um alto preço deve ser pago: a liberdade de agir sobre os impulsos “deve ser preparada. A coerção é dolorosa: a defesa contra o sofrimento gera seus próprios sofrimentos” (BAUMAN, 1998, p. 08). Nesse sentido, de acordo com o pensamento freudiano, a edificação da civilização moderna se dá por meio de renúncia à sexualidade e à agressividade humanas, causando um mal-estar. Por isso, o gozo da civilização moderna “vêm num pacote fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião” (BAUMAN, 1998, p. 08), para evitar a desordem, trocando “as possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança” (FREUD, apud BAUMAN, 1998, p. 08). Produto da *ratio* das Luzes, a modernidade via a civilização como instrumento da razão a ser mantida pela ordem, pelo progresso científico-tecnológico. Mas debaixo do tapete dessa ordem-progresso exterior, havia os mal-estares enumerados por Freud: “compulsão”, “regulação”, “supressão” ou “renúncia forçada”, decorrentes do “excesso de ordem” e de seu par íntimo: “a escassez de liberdade” (Cf. BAUMAN, 1998, p. 08-09). À vista disso, a busca de crédito, a segurança, resulta em débito, menos felicidade, menos liberdade, gerando uma perda de gozo. Assim, “mais ordem significa mais mal-estar” (BAUMAN, 1998, p. 09).

Só que a modernidade tardia inverteu o que era débito em crédito: deixa-se a ordem pelo viés da segurança, para se buscar mais prazer pelo viés da liberdade. A modernidade tardia rechaçou o que Freud preconizava: o princípio da civilização da modernidade tardia, ou pós-modernidade, passa a ser “sempre mais prazer e sempre o mais aprazível prazer – [...] outrora [...] condenado como autodestrutivo” (BAUMAN, 1998, p. 09). Assim, o princípio de ordem civilizatória e/ou coletiva se desloca para o princípio do prazer espontâneo, aos “cuidados” do desejo e das individualidades. Noutras palavras:

[...] Os ganhos e perdas mudaram de lugar: *os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade*. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual (BAUMAN, 1998, p. 10).

Contudo, a modernidade tardia não fica impune às conseqüências da inversão que ela implodiu: a liberdade-prazer só garante uma segurança diminuta para o

indivíduo. À vista disso, conforme Bauman, “se obscuros e monótonos dias assombraram os que procuravam a segurança, noites insones são a desgraça dos livres” (1998, p. 10). O vazio, pois, não é preenchido, “em ambos os casos, a felicidade soçobra” (BAUMAN, 1998, p. 10). Ademais, Freud reconhecia a possibilidade da implosão da busca da felicidade, trocando a busca de segurança, também atestando que “intenso deleite” decorre de um “contraste”, da “satisfação de necessidades represadas até um alto grau, [...] possível como fenômeno episódico” (apud BAUMAN, 1998, p. 10). Em suma, o desejo e o prazer modernos, reprimidos, dariam lugar à radical evasão pós-moderna. Não obstante, há um detalhe para o qual Freud chama à atenção: a felicidade episódica. Dito de outro modo, a maior felicidade, para a conduta pós-moderna, conforme Bauman, “só parece ser tal no momento em que se está fazendo” (1998, p. 10). O momento fugidio não garante, portanto, a perpetuidade do estado dessa busca de mais prazer, de mais felicidade. Nisso vemos o conceito de “modernidade líquida” que Bauman dá para a pós-modernidade: feita de volubilidade, instabilidade, incertezas, que caminha velozmente pela ausência de valores tradicionais.

Até mesmo as relações humanas são afetadas pelo mal-estar pós-moderno, o soçobrar da felicidade: as relações amorosas e amistosas, por exemplo, são “de bolso”, do “quando necessário”, não havendo, como na modernidade, espaço para o “compromisso a longo prazo” (BAUMAN, 2004, p. 10). Assim, as relações pós-modernas são volúveis, sem compromissos duradouros. Elas são reduzidas à virtualização. Ao invés de “relação”, usa-se “conexão”; “em vez de parceiros, preferem falar em ‘redes’”, pois “uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar” (BAUMAN, 2004, p. 12). Não existe, para tal mentalidade, conexões indesejáveis, pois essa terminologia é paradoxo, porque “as conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las” (BAUMAN, 2004, p. 12). Na pós-modernidade, portanto, conforme Bauman, “a definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda” (2004, p. 19). Isso é comprovado pelo fato de “noites avulsas de sexo”, nas tais “redes”, serem “referidas pelo codinome de ‘fazer amor’” (BAUMAN, 2004, p. 19), de modo que o amor (pós) moderno “é uma hipoteca baseada num futuro incerto” (BAUMAN, 2004, p. 23).

Convergindo, de certa forma, para as reflexões de Zygmunt Bauman, há as reflexões do psicanalista Jean-Pierre Lebrun. Em seu ensaio *Subjetividade e laço social*, Lebrun – de certo modo trazendo para a ordem do dia as discussões freudianas do *Mal-estar na civilização* – diz:

[...] Todas as sociedades humanas se organizaram em torno de interdições, de proibições fundamentais. A proibição antropofágica, a

proibição do assassinato, a proibição do incesto. Essas proibições fundamentais somente as encontramos nas sociedades humanas organizadas tais como são. Ou seja, também aí, no nível da sociedade humana por excelência [...], há uma perda de gozo que é exigida, que é quase prescrita. Pois a proibição equivale a uma perda de gozo na qual devemos consentir (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 146).

De certo modo, a sociedade humana organizada de que fala o psicanalista Jean-Pierre Lebrun corresponde à civilização freudiana, fundada na ordem, na segurança, sob a interdição do prazer. Nessa sociedade modernamente ordeira e/ou organizada, não há – usando as palavras de Jean-Pierre – “gozo inteiramente satisfatório” (In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 146): nela há o gozo inteiramente perdido.

A organização (leia-se ordem, na terminologia freudiana com a releitura baumaniana) de “uma perda de gozo sempre necessária, sempre transmitida como necessária” se edifica numa sociedade em que há “coisas permitidas, coisas toleradas e coisas proibidas” (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 146). Mesmo desde o início da modernidade, havia, nesse contexto:

Um vínculo social organizado [também se leia ordenado] pelo religioso, cujo lugar diferente era reconhecido espontaneamente como natural. Não se devia sequer discuti-lo. Todos sabiam que havia o lugar de Deus e, a partir desse lugar, a legitimidade de ocupar uma série de lugares que de perto ou de longe representavam esse lugar diferenciado, o do chefe, o do rei, do presidente, do mestre, do pai, ou seja lá o que for (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 147).

Essa ordem social foi progressivamente rompida pela modernidade em seus níveis mais contestatórios, e de forma radical pela modernidade tardia. Nessa sociedade moderna, “não há necessidade de [se] regular coisa alguma” (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 148), pois é essa sociedade é “autônoma” para organizar as coisas. Nesse processo progressivo de ruptura, “a prescrição da perda de gozo necessária à humanidade se vê, de certo modo, negada, questionada, julgada como devendo não mais existir” (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 148). À vista disso, Lebrun falará de “mutação do vínculo social” em torno do objeto de consumo, o qual passa a ser visto como um instrumento de combate à perda-restrição de gozo:

[...] Hoje o objeto de consumo, que nos é proposto cada vez mais rapidamente, de uma maneira cada vez mais importante, quer nos dar a ilusão, nos fazer pensar que justamente não se deve mais consentir nessa perda de gozo, mas, ao contrário, que hoje devemos aproveitar o que se apresenta, portanto, não mais nos submeter a essa perda de gozo. [...] Claro, isso [...] não acontece em todas as famílias [...] (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 148).

Obviamente, esse quadro é preocupante, “atormenta profundamente”, de modo que gera conseqüências, de modo que de um lado haverá uma sociedade que quer ordem, do outro, uma sociedade para a qual não há mais proibição (Cf. LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 148). Assim, na sociedade em que se vai à busca do gozo perdido nas interdições, o sujeito dessa sociedade não tem raízes tradicionais. É “um sujeito sem gravidade. Um sujeito flexível. Um sujeito que deve se moldar à situação. Um sujeito essencialmente oportunista”, segundo Lebrun (In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 150).

A volubilidade do sujeito da modernidade tardia “parte numa corrida desenfreada, atrás de sua identidade”, para se estabilizar num ponto de referência, mas não consegue achar a identidade. Por quê? Porque “quando mais a procura à sua frente, mais ele se afasta de onde ela poderia estar apoiada às suas costas” (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 150), considerando que tal sujeito não é mais o do mal-estar da modernidade.

Convergindo para o conceito que Bauman dá aos laços humanos pós-modernos, o de “rede”, Jean-Pierre Lebrun ensina que o discurso da sociedade atual se finca na “rede”. Uma “rede” em que as pessoas da modernidade tardia se cruzam umas com as outras “sem realmente se encontrar”, pois cada uma segue o seu caminho, de modo que “não são mais capazes de poder aproveitar o encontro” (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 151).

## **2 CONFLITO ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ PAULO PAES: UMA LEITURA POSSÍVEL**

José Paulo Paes publicou *Prosas seguidas de odes mínimas* em 1992. Essa obra é constituída por duas partes; na primeira há vinte textos em prosa poética e na segunda existem vinte odes curtas, exceto *A minha perna*. Nessa obra, os gêneros da lírica tradicional, como a “canção” e a “ode”, misturam lirismo, crítica social, ironia e reflexões sobre a vida, unidos à poética do mínimo, a forma condensada do epigrama, própria a José Paulo Paes. A concisão epigramática que permeia essa obra evoca os poemas-pílulas de Oswald de Andrade, recheada pela sátira, pelo humor, pela paródia, pelo erotismo. Ademais, *Prosas seguidas de odes mínimas* permite uma análise sintomática da presença da conduta moderna tardia em conflito com a modernidade em estado recalcado. Para este trabalho escolhemos algumas narrativas poéticas dessa obra, para aplicarmos as reflexões de Bauman e Lebrun sobre (pós) modernidade, ou modernidade tardia.

De *prosas* escolhemos *Noturno*, *A casa*, *Iniciação*. De *odes mínimas* selecionamos *À televisão* e *Ao shopping Center*. Iniciando, começamos, pois, com *Noturno* e *Iniciação*, respectivamente, pois dialogam entre si:

O apito do trem perfura a noite. / As paredes do quarto se encolhem. / O mundo fica mais vasto. // Tantos livros para ler / tantas ruas por andar / tantas mulheres a possuir... // Quando chega a madrugada / o adolescente adormece por fim / certo de que o dia vai nascer especialmente para ele (PAES, 1992, p. 17).

Com olhos tapados pelas minhas mãos, os dois seios / de A. tremiam no antegoço e no horror da morte consentida. // De ventosas aferradas à popa transatlântica de B., eu co- / nheci a fúria das borrascas e a combustão dos sóis. // Pelas coxas de C. tive ingresso à imêmore caverna onde o meu desejo ficou preso para sempre nas sombras da / parede e no latejar do sangue, realidade última que cega / e que ensurdece (PAES, 1992, p. 35).

Essas *prosas* poéticas permitem uma leitura da passagem conflituosa da passagem da modernidade para a pós-modernidade. Ou seja, na primeira *prosa* poética, *Noturno*, já o título tem uma função catafórica: anuncia simbolicamente, segunda a nossa leitura, o final da modernidade da ordem, da segurança. Esse anúncio é sugerido pela chegada abrupta do trem, representação da velocidade-volubilidade da locomoção da vida pós-moderna que se antevê através do apito, bem como pelas paredes do quarto, simbolizando o recalque do prazer e a segurança da ordem. Em termos lebrunianos, isso corresponde à exigência da perda de gozo, por causa da organização da sociedade em torno das interdições, em torno do permitido, do tolerado e do proibido (Cf. LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 146).

Sentindo uma metamorfose, o adolescente sente que as paredes da segurança e da recusa ao gozo livre começam a encolher, de modo que ele sente a necessidade urgente de sair: esse adolescente sai da segurança da modernidade para a liberdade da pós-modernidade. Certo do fim da noite moderna, o adolescente dorme para acordar numa pós-modernidade sem segurança, sem ordem. Isso retoma o que dissemos. Isto é, a modernidade tardia rechaçou o que Freud preconizava, pois o princípio da civilização da modernidade tardia, ou pós-modernidade, passa a ser "sempre mais prazer e sempre o mais apazível prazer - [...] outrora [...] condenado como autodestrutivo" (BAUMAN, 1998, p. 09). Em suma, o desejo e o prazer modernos reprimidos dariam lugar à radical evasão pós-moderna do gozo do "mundo mais vasto", das tantas "ruas para andar" e das "muitas mulheres a possuir".

Do processo de transição do moderno para o pós-moderno, visto em *Noturno*, passa-se para um sujeito pós-moderno que se inicia no amor sexual livre. Trata-se do "amor líquido" que o eu lírico de *Iniciação* experimenta. Nesse tipo de amor, as

relações pós-modernas são volúveis, sem compromissos duradouros. Elas são reduzidas à virtualização. Ao invés de “relação”, usa-se “conexão”; “em vez de parceiros, preferem falar em ‘redes’”, pois “uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar” (BAUMAN, 2004, p. 12). Não existe, para tal mentalidade, conexões indesejáveis, pois essa terminologia é paradoxo, porque “as conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las” (BAUMAN, 2004, p. 12).

Nota-se que as garotas, ou mulheres, não têm nomes, pois são indicadas apenas por letras maiúsculas. A união do eu poemático com as garotas corresponde, conforme a nossa leitura, ao clímax orgiaco em que os amantes não se conhecem. Por conseguinte, o orgasmo vivenciado por eles (comparável ao momento da “morte consentida” e à “realidade última que cega e ensurdece”) não dista muito do alcoolismo e do vício das drogas, pois como esses vícios, esse orgasmo é fugaz e episódico (Cf. BAUMAN, 2004, p. 62), bem como alucinógeno. De certo modo, é o que Jean-Pierre Lebrun também diz. Na sociedade em que se vai à busca do gozo perdido nas interdições da modernidade, o sujeito dessa sociedade não tem raízes tradicionais. É “um sujeito sem gravidade. Um sujeito flexível. Um sujeito que deve se moldar à situação. Um sujeito essencialmente oportunista”, segundo Lebrun (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 150). Ou seja, há uma “rede” em que as pessoas da modernidade tardia se cruzam umas com as outras “sem realmente se encontrar”, pois cada uma segue o seu caminho, de modo que “não são mais capazes de poder aproveitar o encontro” (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 151).

A seguir vejamos *A casa*:

Vendam logo esta casa, ela está cheia de fantasmas. // Na livraria, há um avô que faz cartões de boas-festas com corações de purpurina. / Na tipografia, um tio que imprime avisos fúnebres e programas de circo. / Na sala de visitas, um pai que lê romances policiais até o fim dos tempos. / No quarto, uma mãe que está sempre parindo a última filha. / Na sala de jantar, uma tia que lustra cuidadosamente o seu próprio caixão. / Na copa, uma prima que passa a ferro todas as mortalhas da família. / Na cozinha, uma avó que conta noite e dia histórias do outro mundo. / No quintal, um preto velho que morreu na Guerra do Paraguai rachando lenha. / E no telhado um menino medroso que espia todos eles; / só que está vivo: troxe-o até ali o pássaro dos sonhos. / Deixem o menino dormir, mas vendam a casa, vendam-na depressa. // Antes que ele acorde e se descubra também morto (PAES, 1992, p. 33).

Nessa prosa poética, as ideias de morte (“avisos fúnebres”, “caixão”, “mortalhas”, “preto velho que morreu”, etc.), da passagem do tempo e de envelhecimento (entes familiares) atravessam-na. Mais uma vez nos deparamos com um adolescente (“menino”), representando, segundo a nossa leitura, o alvorecer da

pós-modernidade. Mas o conflito é sugerido, pois oniricamente o menino se depara com o passado, com a tradição, representados pela família, pela "casa". Esse passado-tradição é visto pelo eu poemático como fantasmático, que precisa ser "vendido", para que o menino não " acorde", não se volte para esse pretérito da tradição familiar, pois, caso volte para ele, se descobrirá "também morto", isto é, morto para a vida pós-moderna. Para não acordar para o passado-tradição, o menino precisa continuar adormecido, de certa forma morto para os pontos de referência desse passado-tradição, para as regras familiares. Com isso, há uma passagem da geração moderna, representada na prosa poética de Paes pela família do menino, para a pós-moderna, representada pelo menino. Trata-se, pois, de uma troca:

[...] Os ganhos e perdas mudaram de lugar: *os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade.* Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual (BAUMAN, 1998, p. 10).

O menino trocou a segurança e a ordem dos padrões tradicionais da família pela busca da felicidade, do prazer e do gozo. Um menino que recusa uma sociedade modernamente ordeira e/ou organizada, na qual não há – usando as palavras de Jean-Pierre – "gozo inteiramente satisfatório" (In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 146): nela há o gozo inteiramente perdido. Assim, a organização (leia-se ordem, na terminologia freudiana com a releitura baumaniana) de "uma perda de gozo sempre necessária, sempre transmitida como necessária" se edifica numa sociedade em que há "coisas permitidas, coisas toleradas e coisas proibidas" (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 146). A família tradicional detém o poder do permitido, do tolerado e do proibido, e o eu poemático não quer que o menino fique nessa casa. Por isso, ela precisa ser trocada por outra casa, mais dilatada pelos tempos modernos tardios.

Vejamos agora *À televisão e Ao shopping center*:

Teu boletim meteorológico / me diz aqui e agora / se chove ou se faz sol. / Para que ir lá fora? // A comida suculenta / que pões à minha frente / como-a toda com os olhos. / Aposentei os dentes. // Nos dramalhões que encenas / há tamanho poder / de vida que eu próprio / nem me canso em viver. // Guerra, sexo, esporte / – me dá tudo, tudo. / Vou pregar minha porta: / já não preciso do mundo (PAES, 1992, p. 71).

Pelos teus círculos / vagamos sem rumo / nós almas penadas / do mundo do consumo. // De elevador ao céu / pela escada ao inferno: / os extremos se tocam / no castigo eterno. // Cada loja é um novo / prego em nossa cruz. / Por mais que compremos / estamos sempre nus. // Nós que por teus círculos / Vagamos sem perdão / à espera (até quando?) / da Grande Liquidação (PAES, 1992, p. 73).

Lendo tais poemas, constatamos que José Paulo Paes não foi indiferente às manifestações simbólicas da pós-modernidade. Televisão (que pode ser entrelaçada com a Internet), no plano das relações virtuais, e o shopping center, no plano das relações consumistas, são símbolos contundentes da pós-modernidade, que fazem as pessoas ficarem, dialeticamente, sozinhas nas grandes multidões. O individualismo gera a solidão, e o companheirismo só é buscado naqueles e naquelas que estejam na proporção veloz do consumo. Com isso, a gramática da pós-modernidade elimina ou fragmenta o sujeito, para torná-lo objeto direto das relações liquefeitas e consumistas, fazendo das vítimas zumbis que vagam pelos círculos infernais de uma espiral existencial que nunca termina. Esse vaguido busca uma "Grande Liquidação" que nunca virá. Paralelamente, as relações com o humano e com a natureza são reduzidas insignificadamente ao micro-espaco da TV e do computador, de modo que o mundo exterior já não é mais tão necessário. Por isso, o ser humano pós-moderno é, dialeticamente, só e acompanhado.

"Televisão" e "shopping center" correspondem ao conceito de objeto de consumo proposto por Jean-Pierre Lebrun, envolvendo o ganho do gozo decorrente desse objeto, mesmo com a fugacidade do oferecimento:

[...] Hoje o objeto de consumo, que nos é proposto cada vez mais rapidamente, de uma maneira cada vez mais importante, quer nos dar a ilusão, nos fazer pensar que justamente não se deve mais consentir nessa perda de gozo, mas, ao contrário, que hoje devemos aproveitar o que se apresenta, portanto, não mais nos submeter a essa perda de gozo (LEBRUN, In: SCHÜLER; AXT; SILVA (Org.), 2008, p. 148).

Reforçando essa tese de Lebrun, Zygmunt Bauman diz que:

Na sociedade pós-moderna e orientada para o consumidor, os indivíduos são socialmente formados sob os auspícios dos papéis de quem procura o prazer e acumula sensações [...] de seus produtos técnicos que possam ajudar a realçar, aprofundar ou intensificar as sensações (BAUMAN, 1998, p. 222).

Assim, o consumismo surge como o novo "ismo" religioso das pressões da cultura pós-moderna, trocando a busca do sagrado pelo "comodismo do consumidor" (BAUMAN, 1998, p. 223). Dito de outro modo, a ascese religiosa é trocada por uma vida transformada "numa obra de arte da acumulação e intensificação de sensações, graças a consumir [...] produtos mais refinados e consumi-los de um modo mais requintado" (BAUMAN, 1998, p. 224). Essa "experiência máxima" é oferecida pela "televisão", que convida o telespectador a se isolar do convívio social, e – sobretudo – pelo "shopping center", para o qual a TV o joga, sob a ilusão da "Grande Liquidação" que nunca chega.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho falamos a respeito de um poeta nacional que escreveu poemas de conscientização e denúncia da pós-modernidade, considerando-a, quando o ser humano se deixa levar pelos seus malefícios, como reificação da identidade sob o consumismo "ávido e permanente" (BAUMAN, 1998, p. 224). Esse poeta se chama José Paulo Paes (1926-1998), e ele não foi indiferente às manifestações da pós-modernidade.

É oportuno vê a Literatura como instrumento de reflexão crítica da pós-modernidade. Isso nos mostra que o ensino da Literatura pode assumir uma função sociológica, especialmente nestes dias pós-modernos, já que a Literatura nunca fica alheia às mudanças da sociedade humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Subjetividade e laço social**. In: SCHÜLER, Fernando; AXT, Gunter; SILVA, Juremir Machado da. **Fronteiras do pensamento: retratos de um mundo complexo**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.

MELO, Alberto Lopes de. **José Paulo Paes e a anatomia do poema**. Rio Grande: o autor. 89 folhas. Dissertação (Mestrado). Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006.

NAVES, Rodrigo. **Um homem como outro qualquer: José Paulo Paes**. In: PAES, José Paulo. **Poesia completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PAES, José Paulo. **Poesia completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Poesia erótica em tradução de José Paulo Paes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Prosas seguidas de odes mínimas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.